

## **CENÁRIO *DIVERSIFICA: RAÍZES FORTES, NOVOS FRUTOS***

O cenário fictício *Diversifica: raízes fortes, novos frutos* é contado por meio de uma reportagem especial em um dos mais importantes veículos de economia e negócios do Brasil. O cenário *Diversifica: raízes fortes, novos frutos* possui a seguinte ideia-força:

Até 2050, Sergipe vivenciou uma nova era de desenvolvimento, marcada por uma economia diversificada e tecnologicamente avançada. Houve intenso aproveitamento da exploração do gás, do petróleo e de outras fontes energéticas, mas o crescimento não se limitou a esses setores. Outras áreas também foram protagonistas, impulsionadas pelo planejamento de longo prazo do Estado, construído a partir de consensos junto a atores estratégicos da sociedade e do mercado. Uma ampla reforma educacional, com abordagem integrada e alinhada às novas competências do mercado, tornou-se o principal motor dessa nova realidade. A governança robusta e os arranjos inovadores de financiamento foram cruciais para interiorização do desenvolvimento e redução significativa das vulnerabilidades sociais.

### **REPORTAGEM ESPECIAL EM IMPORTANTE JORNAL DE ECONOMIA E NEGÓCIOS (DEZEMBRO DE 2050)**

**Sergipe aposta em inovação e educação para se livrar da “maldição” dos recursos:** Estado diversifica sua economia e investe em ciência, tecnologia e inovação (CT&I) para dar salto de desenvolvimento.

Vitória Menezes, dezembro de 2050.

Há 25 anos, o leitor que folheasse os cadernos de economia certamente se depararia com as notícias dos investimentos diretos de grandes projetos na

exploração do gás localizados na costa norte de Sergipe. O estado havia virado a “Estrela do Gás”.

Parecia um novo ciclo baseado na indústria extrativa mineral. Um ciclo já vivido na história econômica do estado. Nas últimas décadas do Século XX, Sergipe passou por um período semelhante com a exploração do petróleo e do potássio. À época, tais investimentos puxaram a economia sergipana, especialmente os setores de serviços e de construção civil, e o estado passou a liderar a renda per capita na região Nordeste.

No entanto, nas primeiras décadas do século atual, com retração dos investimentos da Petrobras, o estado amargou uma forte recessão econômica e herdou uma economia de baixa complexidade, em um processo de forte desindustrialização. No lado do desenvolvimento humano, Sergipe havia avançado na universalização da oferta de vagas na escola pública e na cobertura de atenção primária, mas figurava entre as últimas posições nos índices de qualidade do ensino fundamental e nas taxas de mortalidade infantil.

Confirmava-se, assim, a “maldição” dos recursos: locais com abundância de recursos naturais ficam presos a uma economia de baixa complexidade, que não promove a diversificação, especialmente de setores mais dinâmicos e mais intensivos em conhecimento.

Calejados com os erros do passado, os sergipanos, sob a liderança do governo estadual, se dedicaram a estruturar mecanismos que permitissem usar os bônus do período de grande afluxo de investimentos externos para construir as bases de uma economia diversificada, com alta capacidade de inovação e capaz de incluir os sergipanos no mercado de trabalho, em empregos qualificados. Uma mudança dessas não aconteceria da noite pro dia e fazer escolhas inter-geracionais não é trivial: requer vislumbrar com muita clareza os benefícios futuros para justificar que os recursos não sejam gastos com as demandas, muitas vezes legítimas, do curto prazo. Essa decisão difícil exige, assim, uma concertação e um diálogo com todos os segmentos da

sociedade. E foi o que Sergipe fez ao implantar, em meados da década de 20, a Iniciativa Sergipe 2050.

A iniciativa envolve governo estadual, prefeituras, federações empresariais, organizações da sociedade civil, universidades, instituições financeiras, entre outros. Anualmente, todos se reúnem para discutir os cenários de longo prazo e pactuarem suas respectivas agendas de ação. Gael Ramalho, coordenador da Iniciativa, explica: "A premissa aqui é que todos têm responsabilidades com o desenvolvimento do estado, essa não é uma pauta só do governo". Assim, logo de início, houve um consenso entre todos que a prioridade seria assegurar aos sergipanos uma educação pública de qualidade capaz de prover uma formação integral ao educando, com o desenvolvimento de novas competências.

Esse consenso começou a se tornar realidade com a decisão do Governo Federal de dobrar o apoio financeiro aos estados e municípios para a expansão do ensino em tempo integral. Por sua vez, mostrou-se acertada a estratégia de Sergipe de apostar em um contraturno dedicado ao desenvolvimento de habilidades digitais, verdes, *soft skills* e a uma formação profissionalizante integrada às necessidades do mercado de trabalho, em parceria com as instituições de ensino superior e o Sistema "S". Este foi o primeiro passo na transformação da educação sergipana.

Contudo, logo se constatou que o aumento da oferta, *per se*, não seria suficiente para que o Estado avançasse nos principais índices de qualidade de ensino do país. Assim, foram estruturados programas de cooperação com os municípios para a implantação de uma rede de educação infantil e atenção à primeira infância. Outro passo fundamental foi o investimento na profissionalização da gestão escolar, que promoveu a melhoria das condições de trabalho nas redes públicas municipal e estadual. "Um diretor bom é capaz de fortalecer a escola, dentro e fora dela, ele traz os pais e a comunidade para cuidar da escola e dos estudantes", enfatiza Arthur Carvalho, Secretário de Educação de Aquidabã, município a 98 km de Aracaju, "mas, sem a

valorização do professor os alunos continuariam sem aprender” continua Arthur. “Meu pai foi professor e tinha que ter três vínculos: no município, no estado e na rede particular. Se não juntasse os três salários, não pagava as contas. Vivia correndo, sem tempo para se qualificar, para aprender novas práticas pedagógicas”.

Em um momento decisivo, o governo estadual propôs a reforma e a unificação do plano das carreiras do magistério dos municípios e do estado. Essa iniciativa facilitou o processo de lotação de docentes, mas principalmente estabeleceu novos incentivos remuneratórios para as atividades extra sala de aula. Os sindicatos estiveram presentes em toda negociação e toparam participar inclusive do desenho de mecanismos de avaliação de desempenho. “A gente não é contra a remuneração baseada em desempenho, mas os critérios têm que ser justos, para não promover a divisão da categoria entre privilegiados e excluídos”, ressalta Lorena Oliveira, presidente do sindicato que representa os professores sergipanos.

Há que se mencionar que o relevante papel das políticas nacionais e do apoio financeiro do Governo Federal aos estados e municípios não se restringiu à educação: também ocorreu na área da saúde. O Ministério da Saúde focalizou esforços para a implantação da cultura da prevenção no Sistema Único de Saúde (SUS), a partir de uma visão de cuidado integral. Essa cooperação federativa foi fundamental para que os municípios efetivamente assumissem as ações de atenção primária, ampliando a cobertura das equipes de saúde da família e, assim, possibilitando ao governo estadual implantar uma rede de hospitais regionais e disponibilizar uma oferta significativa de procedimentos com o uso de telemedicina.

“Todas essas iniciativas foram cruciais para compatibilizar o aumento na demanda por serviços de saúde na rede pública decorrente do envelhecimento da população e da epidemia de transtornos mentais com a manutenção do equilíbrio fiscal e da capacidade de investimento do governo estadual”, afirma o Observatório de Sergipe, em seu último relatório setorial.

Sem dúvida, foi o equilíbrio fiscal, ao lado do minucioso ordenamento territorial e da intensa articulação de parceiros públicos e privados, que permitiu ao governo estadual liderar uma política bastante efetiva de diversificação econômica, capaz de atrair investimentos privados e aproveitar o movimento de "*powershoring*" que aconteceu há 20 anos.

Desde o início, Sergipe apostou no turismo para recuperar os empregos. Há 30 anos, o setor empresarial reclamava das restrições ambientais ao investimento no turismo das regiões costeiras de Sergipe. De fato, o estado não atraía, até então, grandes hotéis e complexos turísticos, como conseguiram seus vizinhos, Alagoas e Bahia. O que seria um problema, passou a ser uma oportunidade: com a ascensão da agenda verde e tendo boa parte das suas regiões costeiras ainda preservadas, o estado se especializou em um turismo de baixo impacto ambiental, que permitiu inclusive levantar fundos para a preservação do seu patrimônio natural.

A implantação dos complexos turísticos foi apoiada por estudos de zoneamento e de planejamento urbano considerando a capacidade de carga de cada produto. Assim, não se vê por Sergipe grandes equipamentos hoteleiros, mas meios de hospedagem de porte médio e pequeno integrados à natureza, oferecendo experiências que privilegiam a cultura, a gastronomia e as manifestações populares de cada local, muitas vezes apoiados em experiências de base comunitária e que valorizam as relações humanas.

Tobias Ribeiro é presidente do Fórum Empresarial, uma iniciativa que congrega várias entidades empresariais do estado:

Acho que fizemos escolhas certas no turismo por aqui: temos muita cultura e natureza. É um setor que consegue gerar muitos empregos, com baixa exigência de qualificação, o que se adequa a uma parcela da nossa força de trabalho, mas tais atividades não se mostraram capazes de promover o ganho de produtividade econômica necessários para garantir o desenvolvimento do nosso

estado. Assim, passamos a defender no Conselho de Desenvolvimento Sustentável que era preciso diversificar mais nossa economia. E não apenas diversificar, mas garantir a absorção das tecnologias e do conhecimento pelo empresariado e pela força de trabalho local.

Para a diversificação defendida por Tobias, o primeiro passo foi aproveitar os investimentos que vieram com a indústria de petróleo e gás, inclusive na infraestrutura de transmissão de energia e de gasodutos como fator de atração para a produção de energias renováveis, inicialmente o hidrogênio verde e mais recentemente biocombustíveis, a partir de oleaginosas e da cana-de-açúcar. Isso permitiu acelerar a descarbonização do parque industrial de Sergipe e, assim, acessar novos mercados consumidores.

A partir da chegada desses grandes projetos, o governo estadual passou a focalizar a atração de investimentos nos setores complementares e mobilizar as instituições de ensino superior para a formação de mão de obra e para a produção de pesquisa e inovação naqueles setores prioritários. “Olhar a cadeia produtiva como um todo, procurando complementaridades para frente e para trás e formas de internalizar as competências tecnológicas”, resume a diretora de atração de investimentos da Agência Sergipe de Desenvolvimento (Desenvolve-SE), Alice Trigueiros.

A mesma estratégia foi usada para os setores industriais de fármacos, minero-químico, alimentos e bebidas e têxtil. Esse surpreendente processo de reindustrialização também se apoiou num estímulo consistente do Sistema S, do ecossistema de inovação e da Federação das Indústrias do Estado (FIES) ao setor de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) voltado à indústria 4.0 que resultou no surgimento de um grande número de startups nesse segmento. “Até nos setores tradicionais, como têxtil e alimentos e bebidas, nossa indústria é intensiva em conhecimento”, comemora Trigueiros.

De fato, uma parceria bem sucedida entre o setor empresarial, as instituições de ensino superior e o governo estadual foi capaz de mobilizar um

montante significativo de recursos na instalação de centros de pesquisa e de uma rede de Núcleos Territoriais de Inovação (NTI), em todo o estado. Numa estratégia de desconcentrar a produção e a difusão da pesquisa e inovação, de modo a aproveitar as potencialidades em todos os territórios, os NTIs conjugam pesquisa aplicada, extensão, incubação de empresas intensivas em conhecimento e a formação e qualificação da mão-de-obra local. “E nós já estamos estendendo nossa atuação às escolas de ensino médio profissionalizante, especialmente no contraturno”, afirma Laura Coutinho, Coordenadora do NTI do Centro-Sul Sergipano.

Esse olhar para os territórios também evidenciou as oportunidades socioeconômicas do aproveitamento da biodiversidade para atrair recursos de ativos ambientais, desenvolver novos produtos, mas, sobretudo, como vetor de inclusão produtiva de uma grande parcela da população rural sergipana, organizada a partir de uma estrutura fundiária de pequenas e médias propriedades. Os pequenos e médios agricultores eram historicamente responsáveis pela maior parte produção de alimentos no estado, mas com uma produção de baixo valor agregado, não conseguiam proporcionar aos mais jovens as oportunidades de trabalho e os níveis de bem estar adequados. O trabalho de difusão científica e tecnológica e a chegada de infraestrutura de comunicações, especialmente o cinturão de fibra ótica, mudaram essa realidade, proporcionando o desenvolvimento de uma rede de cidades médias, muitas delas “*smarts*”, com um setor terciário desenvolvido.

Além da chegada da tecnologia e dos NTIs, o apoio técnico e creditício à criação de associações e cooperativas de produtores, impulsionaram um desenvolvimento sustentável no campo sergipano. O Banese, um banco estadual dono de uma grande experiência com o pequeno e médio empresário sergipano, serviu como elo entre eles e os bancos nacionais e regionais de desenvolvimento, carreando crédito barato. No lado do apoio técnico, o Sistema S, a empresa local de desenvolvimento agropecuário e as organizações do terceiro setor desempenharam um papel importante na

adoção de práticas de gestão, de tecnologias de agricultura de precisão, mas sobretudo, trouxeram o olhar da sustentabilidade para o meio rural.

Havia uma grande pressão pelas monoculturas do milho e da cana, mas o custo ambiental envolvido passou a inviabilizar a expansão dessas culturas. Ao mesmo tempo, os maiores mercados consumidores passaram a exigir certificações de produção sustentável. Com isso, o uso de sistemas agroflorestais, práticas regenerativas, o acesso ao mercado de carbono e a fundos de biodiversidade, passaram a ser comuns entre os agricultores sergipanos, complementando a renda com a remuneração por serviços ambientais. "O queijo sergipano carrega tecnologia e preservação da nossa natureza, mas também as características do nosso sertão e a nossa herança cultural, por isso ele é único e por isso é tão apreciado!" comemora Miguel Andrade, produtor de leite de Monte Alegre, município do semiárido sergipano, a 145 km de Aracaju.

Foi também esse novo olhar e esses incentivos econômicos voltados aos serviços ambientais que fizeram do "homem do campo" sergipano, um dos grandes agentes de promoção da gestão responsável dos recursos hídricos no estado, especialmente na preservação das matas ciliares e na conservação das nascentes. "Se a gente não cuidar da água, produzir e viver aqui vai ser impossível!", pondera Andrade.

Ao lado do esforço de pessoas como o Sr. Miguel, Sergipe conseguiu universalizar o abastecimento de água e a coleta de esgoto, ainda em 2035, com investimentos privados advindos de um processo de concessão bem sucedido. Todo esse esforço certamente contribuiu para a segurança hídrica do estado, mas a captação de água em Sergipe depende muito do Rio São Francisco e as mudanças climáticas têm alterado o regime de chuvas ao longo de toda a bacia, exacerbando um conflito interfederativo e de interesses entre o uso da água para a geração de energia, para o abastecimento humano e para as atividades produtivas, especialmente a irrigação, tornando as reuniões do Comitê de Bacia do São Francisco o palco de batalhas acirradas pelas



outorgas de água. Esse conflito tem promovido a busca por tecnologias inovadoras de sistemas isolados de captação e tratamento de água para reuso, mas as soluções ainda têm alcance limitado.

Ao lado do desafio da segurança hídrica, outro importante requisito para o desenvolvimento é a oferta de infraestrutura de transporte e logística. Nesse aspecto, a economia de Sergipe há muito sofria com as limitações no modal marítimo de transporte. A administração da única estrutura portuária do estado, o Terminal Marítimo Inácio Barbosa (TMIB), um terminal de uso privado, alegava demanda insuficiente para remunerar os investimentos de modernização, especialmente na instalação de estrutura para movimentação de contêineres. O setor produtivo, por sua vez, tinha sua viabilidade operacional comprometida pela necessidade de movimentar sua produção pelos portos vizinhos de Aratu (BA) e Suape (PE).

A resolução do impasse veio com o aumento substancial da demanda pelos serviços portuários decorrentes do início das operações da Petrobras no projeto Sergipe Águas Profundas e da instalação da Zona de Processamento de Exportações (ZPE), em área contígua ao TMIB, que motivaram um esforço de ampliação e modernização do Terminal, inclusive com o aporte de um fundo de investimentos sueco, como terceiro sócio do empreendimento. "A chegada desse novo parceiro acelerou a implantação das operações com contêineres e a ampliação do terceiro píer de atracação", comemora Alice Trigueiros, da Desenvolve-SE. Hoje, o Terminal atende à demanda de Sergipe em seu objetivo de se integrar às cadeias globais de forma competitiva. Contudo, segue desafiadora a oferta de infraestrutura de transportes de Sergipe, em virtude da baixa resiliência a eventos extremos da sua malha rodoviária.

Esses e outros desafios certamente aparecerão na caminhada de Sergipe em busca de sua visão de futuro, mas não restam dúvidas que o estado conseguiu se livrar da maldição dos recursos e dispõe de muito mais capacidade e flexibilidade em seu sistema produtivo. É uma grande conquista, mas principalmente porque foi capaz de incluir uma parcela expressiva de sua

população nesse processo: "a grande virtude desse ciclo é que ele trouxe o sergipano para a condição de agente e beneficiário do seu desenvolvimento", defende Trigueiros. "A riqueza de Sergipe nunca foi o seu gás natural, seu petróleo ou seus minérios, mas seu povo!", comemora.